

CICLO DE CONFERÊNCIAS AÇORES E MADEIRA

PORTO SANTO 600 ANOS DE HISTÓRIA

22 de Setembro às 18h00 na Sala Multiusos Gaspar Frutuoso, Casa da Madeira nos Açores
Entrada sujeita a marcação prévia

No âmbito da celebração dos 600 anos da descoberta e povoamento da ilha do Porto Santo, pelos navegadores portugueses, o CHAM — Centro de Humanidades e o CEHA – Centro de Estudos de História do Atlântico em colaboração com a Casa da Madeira nos Açores (CMA) levam a efeito um ciclo de conferências, que têm como objetivo dar a conhecer um pouco da história da primeira ilha do arquipélago da Madeira a ser povoada.

As conferências serão moderadas por N'Zinga Oliveira (CHAM&CMA) tendo como oradoras: Edite Alberto (CHAM), Cláudia Faria (CEHA) e Graça Alves (CEHA).

A organização do evento convida todos os interessados a participar no Ciclo de Conferências Açores e Madeira. Entrada sujeita a marcação prévia através do endereço electrónico: casadamadeiraacores@gmail.com.

Organização: CHAM / NOVA FCSH—UAc, CEHA e CMA

Comissão organizadora: Duarte Nuno Chaves e N'Zinga Oliveira

Oradoras: Cláudia Faria, Edite Alberto e Graça Alves

Moderação: N'Zinga Oliveira

CONFERÊNCIAS

“Andam mouros na costa”: ataques de corsários e resgates de cativos em Porto Santo

Edite Alberto (CHAM)

Na *Memoria dos Captivos de Argel resgatados (...) pelos padres redentores Frei André de Albuquerque e Frei António da Cruz, religiosos da Ordem da Santíssima Trindade*, impressa em 1618, surgem referenciados cerca de quarenta indivíduos, naturais da ilha de Porto Santo, que haviam sido aprisionados por corsários argelinos e levados para o norte de África. Partindo da identificação destes cativos e tendo por base a documentação do cartório da extinta Ordem da Santíssima Trindade, pretendemos abordar a temática do corso argelino que amiudamente assolou as costas da ilha bem como explicitar o modo como eram organizados os resgates daqueles que, prisioneiros em Argel, aguardavam o regresso ao reino.



Casa da Madeira nos Açores

Para lá da travessa (representações literárias do porto santo)

Graça Alves (CEHA)

Para lá da Travessa, há uma ilha que parece iludir a monotonia azul do Atlântico, uma ilha pequena, constantemente comparada com outra, mais nova, irmã de mares e de aventuras: o Porto Santo.

Pretende-se, nesta comunicação, procurar o que autores portugueses escreveram sobre esta ilha e interpretar, com olhar ilhéu, essa rede de significados que permitem dizer desta ilha atlântica, da sua história, da sua configuração, do seu povo, das relações que estabelece com o mundo.

Porto Santo – um (não) lugar na literatura de viagens estrangeira?

Cláudia Faria (CEHA)

Peter Hulme diz-nos que escrita e viagem caminham juntas e, na realidade, a literatura de viagens, entendida como um corpus literário e etnográfico tem trazido para o palco vozes de cronistas, aventureiros, religiosos, políticos, viajantes, escritores e poetas para quem o mundo é uma geografia a descobrir, a fruir e a partilhar. Esta busca por novas territorialidades – o spatial turn (Soja, 1989) enquanto abordagem sustentada nos “mundos e textos” possíveis possibilita diálogos e cartografias mais abrangentes e inclusivas.

Apesar de Braudel insistir de que a História não passa apenas pelas ilhas como se serve delas, a verdade é que o Porto Santo – esta ilha-mais-ilha - nem sempre encontrou espaço nas páginas que os forasteiros dedicaram à passagem pelo Arquipélago da Madeira. Estamos perante um locus literário ausente? Por que motivo os forasteiros não viram ou não quiseram ver o Porto Santo? Que (des) encatamento é este que persiste na vida (re)contada e na vida vivida?

São estas algumas das inquietações que iremos abordar nesta reflexão sobre o Porto Santo, primeira ilha a ser ocupada pelos Portugueses na época quinhentista.